

**ASPECTOS FONÉTICOS DO FALAR URBANO E RURAL
DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BAHIA**

Aldecy Souza de Veras Brasileiro (UNEB)

deccabrasileiro@hotmail.com

Maria Lúcia Souza Castro (UNEB)

malucao@ig.com.br

1. Introdução

A língua é o reflexo das evoluções da sociedade e, por meio dela, as relações sociais são construídas. É uma atividade coletiva, no entanto, a sua realização através da fala é individual. O português, como explica Mattos e Silva (1988), é a língua nacional de um país oficialmente unilíngue, mas, na realidade, como se sabe, multilíngue: o Brasil. Quando se fala em unidade da língua portuguesa com diversidade de manifestações, subentende-se, por um lado, a estrutura comum que está na base das suas distintas realizações e, por outro lado, os fatores históricos que a unem (MATTOS E SILVA, 1988).

Este trabalho analisa a ocorrência de fenômenos fonéticos no português falado nas zonas urbana e rural do município de Santo Antônio de Jesus, localizado no Recôncavo Baiano e que dista 187 km da capital do Estado, Salvador. O *corpus* foi constituído por entrevistas, a partir da fala de oito informantes, todos nascidos nas áreas pesquisadas. O tratamento dos dados observa os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista laboviana.

Na análise dos dados, levou-se em consideração as duas áreas (R: rural e U: urbana), informantes de dois gêneros (homem = H e mulher = M) e faixas etárias distintas (Faixa 1 = 20 a 40 anos; Faixa 2 = 50 a 70 anos), cruzando-se, portanto, as variáveis área x gênero x faixa etária. A variável escolaridade foi neutralizada, uma vez que todos possuem o ensino médio completo

Com o intuito de preservar a identidade dos informantes, estes foram identificados com o seguinte código: UM1 representa um informante da zona urbana (U), mulher (M), da faixa etária 1 (20-40 anos); UH1 representa um informante da zona urbana (U), homem (H), da faixa etária 1 (20- 40 anos); RM2 e RH2 representam, respectivamente, informantes do gênero feminino e masculino da zona rural, ambos da faixa etária 2 (50-70 anos).

Sobre o município pesquisado, há de se considerar que, durante a década de 70, houve uma migração da população rural para a cidade, tornando o comércio local a principal forma de economia. Atualmente, mesmo contando com dois *shoppings centers* e centenas de lojas variadas, é relevante salientar a importância da feira livre para o desenvolvimento da cidade. A feira livre é considerada a mais barata da Bahia, com preços baixos, variedades e produtos de qualidade. Nela, também se encontram os produtos da terra cultivados pelos agricultores da zona rural. Além disso, registra-se, há mais de trinta anos, a presença da UNEB – Universidade do Estado da Bahia, e, mais recentemente, da UFRB – Universidade Federal do Recôncavo, ambas com ampla oferta de cursos superiores. Todos esses elementos contribuem para o grande fluxo de consumidores que impulsionam a economia do município e para a grande mobilidade da população local e dos municípios vizinhos.

2. Realidade linguística brasileira: diferentes falares

Em qualquer língua, há diferentes formas de se dizer a mesma coisa e, conforme o contexto e a situação, as escolhas podem não ser exatamente as mesmas para o mesmo falante. A ideia de que a variação é uma característica inerente a qualquer sistema linguístico conduz naturalmente à busca por uma explicação para o fato de o falante, ou grupo de falantes, efetuar uma determinada escolha e não outra (BRESCANCINI, 2007).

Importa salientar que a variação linguística não ocorre aleatoriamente, ou seja, ela é sistemática, uma vez que as variações são condicionadas pelos fatores internos estruturais da língua e por fatores sociais da comunidade de fala que atuam continuamente sobre a linguagem. William Labov (2008, p.184) explica que “a variação sistemática constitui-se em modos alternativos de se dizer a mesma coisa, desde que esses modos contenham o mesmo significado referencial”.

Ainda sobre isso, Bagno (2007) sublinha que a percepção e o estudo cuidadoso da variação linguística revelam os padrões estabelecidos pela estrutura da própria língua, desmistificando a ideia que define as variações como frutos do acaso. É importante ressaltar que, no modelo teórico sociolinguístico, comunidade de fala não é um grupo formado por pessoas que falam exatamente da mesma forma, mas, sim, que compartilham traços linguísticos e normas que as diferenciam de outros.

Nos grandes centros urbanos, falantes de diversas variedades do português brasileiro convivem diariamente, principalmente devido ao processo de migração. Há nos falares dessas pessoas marcas regionais. Cada falar é caracterizado pelas realizações individuais que representam a identidade geográfica de cada povo. No nível fonético, por exemplo, o dialeto baiano pode ficar evidenciado pela pronúncia das vogais abertas e pela perda do “r” final, o falar carioca é marcado pelo chiamento do “s” e a aspiração do “r”, entre outras características. No entanto, é pertinente salientar que regiões diferentes podem apresentar pronúncias semelhantes, o que pode dificultar a identificação do pertencimento do falante à determinada região.

Os falares que constituem o português brasileiro apresentam, entre outros, fenômenos fonéticos característicos de cada comunidade. De acordo com o filólogo João Ribeiro (1933 *apud* CALLOU & LEITE, 2002, p. 8) “não pode haver um fenômeno bom e outro mal ou ruim, todos são essencialmente legítimos. Não existe, assim, variante boa ou má, língua rica ou língua pobre, dialeto superior ou inferior”.

Para melhor entender as variações do português brasileiro, é importante atentar para o contínuo de urbanização estabelecido por Bortoni-Ricardo (2004). Neste, em um dos extremos, estão situados os falares rurais mais isolados pelo difícil acesso geográfico e, no outro extremo, os falares urbanos que sofreram influência linguística através dos meios de comunicação de massa e da escola. Entre esses dois polos opostos, fica a zona *rurbana*, como explica Bortoni-Ricardo (2004), formada pelos migrantes de origem rural que são influenciados pela mídia e pela tecnologia urbanas.

Há algumas expressões e realizações típicas dos falares rurais que podem ser bastante distintas e até desaparecer se comparadas às dos falares urbanos. Tais traços são os que geram mais preconceitos para seus falantes, como a realização dos vocábulos “artura” ao invés de “altura”, “broco” ao invés de “bloco”. Há, no entanto, outros traços que estão presentes na fala de todos os brasileiros, independentemente de a localização geográfica ser urbana ou rural. Ocorre, nesse caso, uma distribuição gradual, como, por exemplo, “limoero” ao invés de “limoeiro”, “tivé” em lugar de “tiver”.

3. Análise dos dados

Os dados analisados permitem identificar quais fatores condicio-

nam a ocorrência dos traços diferenciadores das variedades de fala consideradas e como os fatos fonéticos da área geográfica em foco situam-se no âmbito geral das variações do português brasileiro.

Após a transcrição das entrevistas, para a realização da análise dos dados, optou-se pela elaboração de tabela para agrupar os fenômenos de acordo com as variáveis selecionadas.

FENÔMENOS FONÉTICOS	INFORMANTES							
	UUM1	UUh1	UUM2	UUh2	RRM1	RRH1	RRM2	RRH2
Aférese								
Síncope em sílaba travada								
Síncope (redução da marca de gerúndio) –ndo> -no								
Apócope (marca de infinitivo)								
Apócope (nomes)								
Monotongação								
Ditongação								
Iotização do lh ($\lambda > \gamma$)								
Despalatalização do lh ($\lambda > l$)								

Tabela 01: Visão geral da ocorrência dos fenômenos fonéticos pesquisados

A tabela acima apresenta um panorama dos resultados, possibilitando uma visualização geral da ocorrência dos fenômenos considerando-se todas as variáveis.

Observando-se a tabela, pode-se verificar como os fenômenos linguísticos ocorrem com o cruzamento das variáveis. Nos usos linguísticos dos quatro informantes da zona urbana e dos quatro da zona rural, se constatou a ocorrência da maioria dos fenômenos pesquisados. Apenas três fenômenos não foram observados na fala de informantes da sede do município de Santo Antônio de Jesus.

A presença dos fenômenos aférese, síncope em sílaba travada e com redução da marca de gerúndio, apócope em nomes e com redução da marca de infinitivo, monotongação e ditongação, nas duas áreas geográficas, indica que a ocorrência destes fenômenos não está relacionada a fatores puramente diatópicos. No entanto, é pertinente salientar que a aférese não ocorreu na fala das duas informantes do sexo feminino da zona urbana.

Em corrente contrária, os fenômenos iotização e despalatalização do /k/ foram registrados apenas na área rural. A não ocorrência na fala de informantes da zona urbana pode indicar que se trata de uma variedade também relacionada a aspectos diatópicos.

É interessante sublinhar que tanto a iotização quanto a despalatalização do /k/ são variantes desprestigiadas socialmente. Falantes que utilizam “muié” ao invés de “mulher” geralmente sofrem preconceito linguístico quando estão em comunidades cujos falantes utilizam variedades mais próximas da considerada padrão.

Cabe analisar cada fenômeno separadamente, observando as diferentes realizações que um mesmo vocábulo pode assumir. Como foi mencionado anteriormente, o fenômeno denominado aférese foi encontrado na fala de quase todos os informantes, exceto na fala de duas mulheres da zona urbana, sendo uma da faixa 1 e outra da faixa 2. Esse equilíbrio mostra que não se trata de uma influência relacionada à faixa etária. No entanto, interessa salientar que as ocorrências encontradas na sede do município foram todas derivadas do verbo “aguentar”, que, na fala coloquial, assumiu as formas “guento” (UM1 l. 124), “guenta” (UH1 l. 29), “guentava” (UH2 l. 36, UH1 l. 114); “... faço academia para podê *guentá* o pique...” (UH1 l. 128). Essas variações são bastante notadas na linguagem coloquial do português brasileiro.

Já na fala dos informantes de ambos os sexos da zona rural, além das variedades citadas acima, esse fenômeno foi encontrado em variações do verbo “acostumar”: “costumando” (RH1 l. 34) e “costumado” (RM2 l. 134). Além dessas ocorrências, também foi encontrada a variação “pavorada” (RM2 l. 28) ao invés de “apavorada”, “molecê” para amolecer (RH2 l. 14) e realizações como: “eu corri ligeiro pra casa de farinha todo *repiado*...” (RH2 l. 58); “... *gonia* retada...” (RM1 l. 33) e “... me *garrava* pelo braço...” (RM2 l. 51). Estas realizações com a queda do segmento sonoro inicial “a” podem causar certo estranhamento visto que não são formas de uso corrente no português brasileiro.

Outro fenômeno observado foi a síncope em sílaba travada, presente na fala dos informantes das duas áreas. Registraram-se realizações como: “diveção” (UM1 l. 10), “comercial” (UH1 l. 6), “concuso” (UM2 l. 94), “tocida” (UH1 l. 130), “beço” (UM1 l. 138); “comeciário” (UM2 l. 129), “seviço” (UH2 l. 107); “paceiro” (RH1 l. 55), “foça” (RM2 l. 103). “comécio” (RH1 l. 16), “convesa” (RM2 l. 36) e “convesando” (RH2 l. 76).

A pesquisa evidenciou que a queda de segmentos sonoros é frequente e pode ocorrer em ambientes fonológicos distintos. O outro tipo de síncope, cuja queda do segmento sonoro reduz a marca de gerúndio, é também um fenômeno recorrente na fala de todos os informantes de ambas as áreas. Em todos os vocábulos no gerúndio, ocorreu a queda do fonema /d/. Dessa forma, a terminação *-ndo* passou a *-no*.

A redução de gerúndio ocorreu nas três conjugações verbais e foram registradas ocorrências como: “... como eu tava te *falano*, já tô *procurano*...” (UM1 l. 127); “... toda de branco *perguntano* pra que ele tava *chamano* ela...” (RM2 l. 139); “... e fui pra ilha *nadano* com a maré seca, aí eu fiquei na ilha *brincano*...” (UH2 l. 47); “... todo mundo ficou *comentano* e... e eu fiquei *pensano*...” (RH2 l. 123); “aprendi muito *leno* e *estudano* e *viveno*...” (RM1 l. 89); “... eu voltei e tô me *sentino* muito melhor...” (UM1 l. 66); “... as mulheres *vigiano*...” (RM1 l. 27) e “termino *esqueceno*...” (UH1 l. 27); “eu fico *ligano*...” (UH2 l. 110); “*encheno* a paciência...” (UM2 l. 104); “ela me deixou *sentino* dor...” (RH2 l. 28).

Diversos estudos têm demonstrado que é comum essa realização reduzida na fala coloquial do português brasileiro, não sendo, portanto, estigmatizada (FERREIRA, 2007). É importante ressaltar que um processo de síncope semelhante à redução da marca de gerúndio ocorreu também com o vocábulo “quando”, cuja estrutura fonêmica é a mesma da forma verbal do gerúndio: registrou-se a queda do segmento sonoro /d/ nas realizações de todos os informantes da zona rural (quando > *quano*).

Ainda sobre os processos de queda de segmento sonoro, foi absoluta a ocorrência da apócope em verbos no infinitivo, já presente em vários dialetos românicos (DUBOIS, 2007). Na fala de todos os informantes das duas áreas pesquisadas, os verbos perderam o “r” final que caracteriza o infinitivo. Essa mudança se reflete no plano morfológico, uma vez que este segmento designa flexão modo-temporal e, com a sua queda, o verbo perde a marca de infinitivo.

Foram registradas muitas ocorrências, como: “cria”, “adotá” (UM2 l. 64), “aparece”, “batê” (UH2 l. 66), “consegui”, “assisti” (RH1 l. 14), “oferecê” (UM1 l. 65), “marcá” (RH1 l. 48), “viajá” (RH2 l. 87), “embuchá” (RM2 l. 29). Todos os verbos no infinitivo sofreram esse processo, tanto na zona urbana quanto na zona rural, entre todos os informantes. Conclui-se, então, que o processo não está relacionado à localização geográfica, tampouco ao sexo ou à idade do falante.

A apócope em nomes também foi bastante evidente na fala dos in-

formantes de ambas as localidades. Entre os vocábulos registrados, foram recorrentes realizações como: “mulhé” (UM1 l. 20), “celulá” (UH1 l. 10), “pió” (RM2 l. 22), “amô” (RH1 l. 29), “computadô” (RM1 l. 52), com apagamento do “r”; e, ainda, “mei” (meio) (RH2 l. 64) e “vei” (veio) (UH2 l. 81), que não seguem o padrão de queda do “r” final, mas do segmento vocálico “o”.

O fenômeno da monotongação, estudado ora como uma variação fonética de fácil articulação, ora como uma marca sociolinguística e dialetal, foi registrado na fala de todos os informantes: os ditongos /ey/ e /ow/ foram reduzidos a /e/ e /o/. Aragão (2000) sublinha que o contexto fonológico posterior é fator preponderante para a ocorrência deste processo. Os fonemas consonantais /ʃ, r, ʒ/, em posição posterior ao ditongo, facilitam sua monotongação.

Os dados registrados nesta pesquisa corroboram a teoria supracitada. A maioria das palavras que monotongaram têm exatamente o referido contexto fonológico. Foram observadas ocorrências como: “Tinha manguera, jambero, jaquera...” (UH1 l. 101); “... a vendedora pra cima e pra baxo, carregando caxa...” (UM2 l. 116); “...quejeo torrado...” (RM1 l. 123); e, ainda: “dexar” (UH1 l. 14) e “loco” (RH1 l. 13); “foguera” (RM2 l. 71) e “poco” (UM2 l. 31). Além disso, o registro coloquial e informal é o que mais favorece a monotongação. Observou-se que esse fenômeno também não está relacionado a fatores diatópicos, muito menos às variáveis gênero e faixa etária.

Em direção contrária, a ditongação ocorre quando uma vogal transforma-se em ditongo e, segundo Aragão (2000), está à mercê das variações de todos os tipos: das puramente linguísticas, ligadas ao contexto fonético imediato, anterior ou posterior, à velocidade de elocução ou tamanho da palavra, até as sociolinguísticas, especialmente ao nível ou registro de fala.

O ditongo é um elemento linguístico registrado na língua portuguesa desde o latim. Há fatores que favorecem a ditongação. Conforme explica Aragão (2000), o contexto posterior que determina a ditongação é o dos fonemas /s/ e /z/. Isso foi ratificado nesta pesquisa, uma vez que todas as palavras que ditongaram possuem exatamente este contexto posterior, entre elas: “rapaiz” (UH2 l. 31), “freguêis” (RH1 l. 36), “capaiz” (RH1 l. 61).

Aragão (2000) também sublinha que a extensão da palavra é outro fator decisivo para a ditongação. Palavras monossilábicas e dissilábicas

são as que mais se ditongam. Este fato também foi comprovado na fala dos homens e mulheres das duas áreas pesquisadas, como, por exemplo, em: “paiz” (UM1 l. 22), “feiz” (RM1 l. 74), “veiz” (UM1 l. 87), “deiz” (UH2 l. 78), “faiz” (RH2 l. 100), além dos exemplos anteriores.

No que se refere à ocorrência dos processos de iotização e despalatalização, os resultados desta pesquisa ratificam a hipótese de se tratar de fenômenos essencialmente diatópicos, pois apenas na zona rural o fonema /k/ foi substituído por /y/ ou por /l/.

Dentre outros exemplos, tem-se no *corpus*: “... a gente *escoie*u a data...” (RM1 l. 11); “... nós *trabaia* muito pra comprar uma roupa *meió*...” (RH1 l. 70); “... naquele tempo não tinha tanto posto *espaia*do como hoje...” (RM2 l. 12); “... eu dou *conseio*...” (RH2 l. 19). Tem-se aí, a semivocalização em posição intervocálica. O fonema /k/ passa a ser realizado como iode. Esse fenômeno pode ser explicado historicamente já que, na passagem do latim para o português, a iotização antecede a palatalização (JOTA, 1976).

Para a despalatalização do /k/, registraram-se ocorrências nas duas faixas etárias. Na primeira faixa registrou-se: “*culé*” e, repetidas vezes, “*mulé*” (RM1 l. 21). E, na segunda faixa etária, além do mesmo vocábulo, registrou-se “Guilherme” (RM2 l. 75). Vejam-se os contextos das ocorrências: “... tomava mingau quente mas era de *culé*...” (RM1 l. 22); “... de uma certa feita que a *mulé* tava parida...” (RH2 l. 62); “... o nome dele é *Guilherme*...” (RM2 l. 75). Nesses exemplos, ocorre a realização alveolar ao invés de palatal do fonema lateral.

Nos dados da zona rural, notou-se que, em nenhum dos vocábulos, o fonema /k/ foi realizado como consoante palatal: ora iotizava, ora despalatalizava. Jota (1976) sublinha que se trata de fenômenos comuns em camadas rurais

À exceção da não ocorrência da aférese entre as mulheres da zona urbana, os dados explicitam que a fala de homens e mulheres equiparouse de uma maneira geral, e este fato refutou a hipótese de que as mulheres têm um maior rigor no uso da língua, conservando as formas linguísticas mais próximas da variante considerada padrão.

O resultado da análise dos dados tendo em vista a variável faixa etária também contrariou a hipótese de que os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, enquanto os mais jovens tendem a aderir às “novidades” linguísticas (NARO, 2003). Nesta pesquisa,

a fala de ambas as faixas etárias, nas duas áreas, aproximou-se quanto à realização dos fenômenos pesquisados.

A análise dos dados permite perceber que as variáveis faixa etária e gênero não exerceram influência preponderante como fator condicionante dos traços fonéticos característicos das variedades faladas pelos informantes. Contudo, a variável área põe-se determinante para a ocorrência de traços diferenciadores das variedades pesquisadas.

4. Considerações finais

A aproximação dos falares urbano e rural em Santo Antônio de Jesus-Bahia foi evidenciada com os resultados, mostrando o que pode ser reflexo da influência da mídia, com os meios de comunicação de massa, e do desenvolvimento da tecnologia, bem como do intenso processo de urbanização. Com estes fenômenos sociais, as características rurais de uma região são influenciadas e condicionadas pelas características urbanas.

É interessante salientar como o *continuum* rural-urbano estabelecido por Bortoni-Ricardo (2004) ficou demonstrado nos resultados desta pesquisa. Os fenômenos aférese, síncope em sílaba travada e com redução da marca de gerúndio, apócope em nomes e com redução da marca de infinitivo, monotongação e ditongação, registrados nesta pesquisa, estão classificados como uma estratificação contínua com regras graduais e que estão presentes no repertório linguístico da maioria dos brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que conferem à sua fala. Assim, fica claro como os fatos fonéticos registrados situam-se no âmbito geral das variações do português brasileiro.

Com este resultado, é pertinente retomar o conceito de zona *rurbana*, defendido por Bortoni-Ricardo (2004). A variedade falada pelos informantes desta pesquisa pode ser situada no meio do contínuo rural-urbano, no ponto denominado *rurbano*. Os grupos *rurbanos* são formados pelos migrantes de origem rural e pelas comunidades interioranas que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção da tecnologia. E há de se considerar o alto grau de urbanização do município pesquisado.

A aproximação dos falares entre informantes da zona rural e da zona urbana também pode ser explicada pela mobilidade interna da população. Os moradores das localidades rurais estão em constante contato

com as pessoas que moram na sede do município, pois, como trabalham com produtos agrícolas, vêm à cidade para comercializar na feira local pelo menos dois dias na semana. Além disso, há vários trabalhadores da zona urbana que se deslocam todos os dias para exercer suas funções em postos de saúde e escolas localizadas na zona rural e, conseqüentemente, permanecem em contato com os falantes da área rural. Aliado a isto, é preciso levar em conta o fluxo diário ao município dos estudantes originários da zona rural e também das populações circunvizinhas que buscam o comércio local e os cursos universitários.

Os fenômenos iotização e despalatalização do /k/ constituem uma estratificação descontínua característica das variedades regionais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização. Como os dados analisados evidenciam, estes fenômenos estão restritos à zona rural. No caso da síncope com redução de gerúndio, verificou-se que há aplicação desse processo em todas as variáveis, com predominância absoluta do uso da forma “-no”.

Destaque-se que a análise concretizada recobre uma pequena amostra da fala santoantoniense, contudo, é bastante ilustrativa dos usos linguísticos das áreas observadas. Os resultados apontam a necessidade de repensar as normas que atribuem ao português brasileiro uma homogeneidade que, na prática, não existe e que supervalorizam a variante padronizada em detrimento das demais.

Sabe-se que uma norma linguística é definida baseada em um dialeto de prestígio, que é próprio de um grupo social e de um centro cultural considerado modelar por razões sociopolíticas e culturais e não por razões estritamente linguísticas. Além da norma de prestígio, tomada como padrão de uso, existe em toda comunidade de fala, com todas as suas variações típicas, uma norma consensual que não é imposta de fora ou de cima, mas resultado da necessidade de comunicação interdialetoal. Essa norma consensual neutraliza as divergências acentuadas e pode ser empiricamente observada já que qualquer falante de uma comunidade de fala é capaz de emitir juízos de valor estigmatizando ou valorizando determinados traços linguísticos que lhe pareçam dignos ou não de serem utilizados (MATTOS E SILVA, 1988).

O problema é que o dialeto de prestígio escolhido como modelo ou norma a ser seguido se configura como uma das diversas formas de controle social existentes nas sociedades humanas, com o fim político de neutralizar a diversidade natural às sociedades e línguas históricas

(MATTOS E SILVA, 1988). Por isso é importante a realização de pesquisas acerca da realidade linguística do português que de fato é falado no Brasil. Os resultados podem auxiliar no processo de conscientização da heterogeneidade da língua e na inclusão social, cultural e linguística de milhares de brasileiros colocados à margem da sociedade por não terem suas variações legitimadas, a exemplo daquela tomada como padrão geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Ditongação x monotongação no falar de Fortaleza*. Fortaleza: UFC, 2000.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella. *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A teoria da variação linguística. In: AGUIAR, Vera Teixeira; PEREIRA, Vera Wannmacher (Orgs.). *Pesquisa em Letras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2007.

FERREIRA, J. S. *A redução do gerúndio na variedade de São José do Rio Preto*. Relatório de iniciação científica. Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. UNESP/IBILCE, 2007.

JOTA, Zélio dos S. *Dicionário de linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Diversidade e unidade: a aventura linguística do português. *Revista ICALP*, vol. 11, mar. 1988, p. 60-72 e vol. 12/13, jun./set. 1988, p. 13-28.

NARO, Anthony J. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.